William M. Greathouse - A Justiça de Deus na História, Romanos 9.1-11.36

- Imprimir

Categoria: William M. Greathouse
Publicado: Terça, 28 Julho 2015 21:50
Acessos: 1173

Esta seção da Epístola aos Romanos tem sido interpretada de diversas maneiras. Ela tem sido chamada de uma *teodicéia*, uma justificativa do tratamento que Deus dispensa ao homem. Existe alguma verdade nesta opinião, pois Paulo está lutando aqui com o problema do motivo pelo qual Deus aparentemente "colocou de lado" o seu povo Israel. Teriam falhado o chamado e a promessa de Deus? E com isto, Ele teria provado ser injusto? Mas chamar isto de uma teodicéia é imaginar que nós podemos justificar a Deus, quando na verdade Deus não responde aos homens; as coisas funcionam ao contrário. Os objetivos e os caminhos de Deus transcendem a razão humana (Is 55.9) e, se não fosse assim, Deus não seria Deus. "Um Deus compreendido não é Deus" (Tersteegen).[1] Ao concluir esta seção, Paulo apropriadamente sobe às alturas da adoração diante do mistério divino (11.33-36).

Outros chamaram esta seção de *a filosofia da história de Paulo*. No entanto, não temos aqui nenhuma visão histórica sobre como Deus controla o mundo e o conduz ao seu objetivo final, mas sim "uma disputa devota com o próprio Deus". Ao invés de nos dar um relato minucioso do objetivo revelado de Deus na história, estes capítulos traçam uma "auto-revelação detalhada de Deus pela fé".[2]

Uma terceira corrente interpreta esta seção como sendo a *doutrina da predestinação de Paulo*. Mas, como destaca Nygren, o tratamento clássico da predestinação é encontrado em 8.28-30. "Se adotarmos os capítulos 9-11 como ponto de partida para estudarmos a visão da predestinação de Paulo, terminaremos com uma falsa impressão dela".[3] Brunner diz: "A respeito de uma dupla lei (predestinação), na qual uma parte conduz à vida eterna e a outra à condenação eterna, esta passagem ensina tanto quanto qualquer outra parte das Sagradas Escrituras".[4] A chave para a compreensão das afirmações de Paulo sobre a soberania e a escolha divinas é 1) colocá-las dentro dos limites de 8.28-30 (veja os comentários), e 2) entender claramente que nestes capítulos "ele está falando da conversão nacional, e não da salvação individual".[5] A questão é: Por que Deus aparentemente afastou Israel e escolheu a igreja para ser o novo povo de Deus?

Adicionalmente, é um equivoco interpretar estes capítulos como sendo independentes ou sem relação com o resto da Epístola. Dodd opina que eles constituem um sermão que o apóstolo pregou e incorporou aqui "para poupar o tempo de um homem ocupado e evitar a dificuldade de escrever novamente sobre o assunto".[6] E ainda mais difícil entender a argumentação de Barth, de que os capítulos 9-11 "não podem ser simplesmente uma continuação da discussão de 1.18-8.39".[7] Antes, eles parecem ser exatamente isto. O tema continua sendo "a justiça de Deus" (como Paulo já desenvolveu anteriormente, cf. esp. 9.30-10.4), que se torna ainda mais claro e mais seguro com o desdobrar desta argumentação. A visão final da justiça de Deus no capítulo 11 é tão gloriosa que Paulo desabafa numa adoração extasiada e em louvor às inescrutáveis "profundidades das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus!" (11.33).[8]

Embora estes capítulos integrem a doutrina de Paulo sobre a justiça de Deus, eles constituem uma unidade. "Os três capítulos formam uma trilogia: o primeiro trata da soberania divina, o segundo, da responsabilidade humana e o terceiro, da bênção universal; o primeiro, da 'escolha', o segundo, da 'rejeição' e o terceiro, da 'restauração'; o primeiro, do passado, o segundo do presente e o terceiro do futuro".[9]

Além disto, estes capítulos representam a Palavra de Deus para nós tanto quanto os capítulos anteriores. Israel é representante daqueles que, em todas as épocas, procuraram a salvação pela lei, ou seja, pelos seus próprios méritos e justiça. A proclamação de que os homens são "justificados pela fé, sem as obras da lei" (3.28) atinge aqui, de maneira coerente, o seu clímax final. O perigo e os apuros de Israel são exatamente os mesmos de todo homem que recusa a salvação gratuitamente oferecida por Cristo. Apesar disto, a maravilhosa misericórdia de Deus se estende a todos os filhos da raça de Adão, pois Ele "encerrou a todos debaixo da desobediência, para com todos usar de misericórdia" (11.32).

Fonte: *Comentário Bíblico Beacon*, Vol. 8, pp. 134, 135

---

[1] Citado por Rudolph Otto, *The idea of the holy* (trad. por J. W. Harvey) (Londres: Oxford University Press, 1957), p. 25.
[2]Goppelt, *op. cit.*, p. 133.
[3]*Op. cit.*, p. 354.
[4] *Op. cit.*, p. 86; também cf. p. 99.
[5] Erdman, *op. cit.*, p. 99. "Aqui fica claro o fato de que Paulo nem sequer pensava numa escolha ou numa desaprovação pessoal (1) porque isto está fora da sua intenção, que é mostrar que a rejeição dos judeus por parte de Deus e a aceitação dos gentios era coerente com a Sua Palavra; (2) porque tal doutrina não teria o objetivo de convencer mas evidentemente fortalecer os judeus; (3) porque quando ele resume a sua argumentação no final do capítulo, ele não fala nenhuma palavra sobre isto, nem faz qualquer insinuação" (Wesley, *Explanatory Notes upon the New Testament*, p. 554).
[6]*Op. cit.*, pp. 148-50.
[7] *A Shorter Commentary on Romans*, p. 110.
[8] Goppelt, *op. cit.*, pp. 151-53; Nygren, *op. cit.*, p. 357.
[9] Erdman, *op. cit.*, p. 100.